

CORREIO ECONÔMICO

POR MARCELLO SIGWALT



Receita espera receber 46,2 milhões declarações do IRPF

Receita Federal já recebeu 1.538.536 declarações de IRPF

Até às 10h dessa quarta-feira (19), a Receita Federal revelou que foram entregues 1.538.536 declarações do Imposto de Renda da Pessoa Física (IRPF) 2025, que leva em conta os rendimentos recebidos no ano passado. A entrega da declaração pode ser feita no período de 17 de março a 30 de maio, até às 23h59. Somente no primeiro dia, o Fisco registrou a re-

Neutralidade

Durante a tramitação do projeto do IR no Congresso Nacional, a proposta do governo, sob a 'pecha' de neutralidade fiscal (nem ganha, nem perde) de adotar um imposto mínimo para os mais ricos enfrenta resistências por parte de alguns blocos parlamentares.



Setor registrou expansão anual de 1,6% em fevereiro

Indústria da construção mantém rota de ascensão

Em viés ascendente, o faturamento da indústria de materiais de construção avançou 1,6% em fevereiro, no comparativo anual, mas caiu 2,2%, em relação ao mês anterior. É o que aponta a pesquisa índice da Abrammat (Associação Brasileira da Indústria de Materiais de Construção), divulgada, nessa quarta-feira (19)

Retração

Em fevereiro, o faturamento dos materiais básicos da construção registrou retração de 0,8% em relação a janeiro e aumento de 1,4% ante fevereiro do ano passado. Já os materiais de acabamento tiveram recuo mensal de 3,6% e avanço anual de 1,8%.

Nordeste

Somente à região Nordeste, o BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social aprovou, em 2024, recursos de R\$ 16,7 bi em crédito, informou o banco de fomento, nessa quarta-feira (19). Nos últimos dois anos, o montante somou R\$ 34,2 bi.

cepção de 561.580 declarações. Até o fim do prazo legal, a expectativa do 'Leão' é de que 46,2 milhões de declarações do IR sejam entregues. Caso tal patamar se confirme, este representará um acréscimo de quase 7%, no comparativo anual, pois em 2024 haviam sido entregues 43,2 milhões de declarações do Imposto de Renda.

Ganho zero

Entre analistas e na equipe econômica, aumenta a preocupação de que o Congresso acabe negociando a troca da taxação dos milionários por medidas que impliquem corte de renúncias que acabem resultando em nenhuma compensação pela perda de arrecadação.

Copom eleva taxa básica de juros (Selic) para 14,25% ao ano

Colegiado do BC adianta que reforçará, ainda mais, o 'aperto monetário'

Por Marcello Sigwalt

“O cenário mais recente é marcado por desancoragem adicional das expectativas de inflação, projeções de inflação elevadas, resiliência na atividade econômica e pressões no mercado de trabalho, o que exige uma política monetária mais contracionista”. Com base em tais argumentos, o Copom (Comitê de Política Monetária) do Banco Central (BC) elevou, como já precificado pelo mercado financeiro, em um ponto percentual a Selic (taxa básica de juros), que passou ao patamar de 14,25% ao ano - 5ª alta seguida. Ao anunciar a medida, o comitê adiantou que pretende aplicar novo aumento no indicador, embora de menor magnitude, na próxima reunião do colegiado, prevista para os dias 6 e 7 de maio. Como justificativa adicional para essa nova elevação da taxa básica, o Copom “entende que essa decisão é compatível com a estratégia de convergência da inflação para o redor da



Ante à resiliência inflacionária, comitê sequer sinalizou quando haveria corte dos juros

meta ao longo do horizonte relevante. Sem prejuízo de seu objetivo fundamental de assegurar a estabilidade de preços, essa decisão também implica suavização das flutuações do nível de atividade econômica e fomento do pleno emprego”. Em seu comunicado, o comitê reiterou que “segue acompanhando com atenção como

os desenvolvimentos da política fiscal impactam a política monetária e os ativos financeiros. A percepção dos agentes econômicos sobre o regime fiscal e a sustentabilidade da dívida segue impactando, de forma relevante, os preços de ativos e as expectativas dos agentes”. Quanto á ‘magnitude total’ do ciclo de aperto monetário, o

colegiado afirmou que esta “será ditada pelo firme compromisso de convergência da inflação à meta, e da evolução da dinâmica da inflação, em especial dos componentes mais sensíveis à atividade econômica e à política monetária, das projeções de inflação, das expectativas de inflação, do hiato do produto e do balanço de riscos”.

IPV: faturamento do varejo cresce 8%

O faturamento nacional do varejo físico cresceu 8% em fevereiro neste ano, em relação ao mesmo mês de 2024. Os dados fazem parte da pesquisa Índice de Performance do Varejo (IPV), da HiPartners. O fluxo de visitação apresentou crescimento expressivo, especialmente nas lojas de rua, que registraram alta de 18% na comparação anual, enquanto as lojas de shopping tiveram incremento mais mo-

derado, de 3%. Por região, o Norte destacou-se com crescimento de 11,15% no faturamento, seguido pelo Centro-Oeste (+9,87%). O Sul liderou o crescimento no fluxo de clientes (+28,70%), embora com desempenho mais modesto no faturamento (+6,45%). O ticket médio geral, por sua vez, subiu 8,4%, com variações regionais e por tipo de estabelecimento. As lojas de

shopping tiveram aumento de 10,2%, enquanto as de rua avançaram 8,0%. O levantamento ainda destaca que o mês de fevereiro mostrou uma “retomada consistente”, após janeiro ter sido marcado pela sazonalidade tradicional de desaceleração no varejo. “O desempenho do varejo reflete um cenário de ajustes e consolidação”, disse o sócio da HiPartners, Eduardo Terra. Em janeiro, o Varejo Res-

Confiança da indústria apura a 3ª queda

Em março, o Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI) cresceu apenas 0,1 ponto, o que foi insuficiente para reverter o quadro de pessimismo observado desde janeiro. Os empresários da indústria demonstram pessimismo pelo terceiro mês consecutivo. Neste mês, o Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI) passou de 49,1 pontos para 49,2 pontos. É o que informa a Confederação Nacional da Indústria (CNI) em pesquisa divulgada nesta terça-feira (18). O movimento foi insuficiente para que o indicador ultrapassasse a linha divisória de 50 pontos – que separa confiança de falta de confiança. Em 2025, os industriais brasileiros ainda não demonstraram confiança. Claudia Perdigão, especialista em Políticas e Indústria da CNI, afirma que o pessimismo dos empresários vem crescendo



Pessimismo dos industriais se acentua, desde janeiro

desde os primeiros sinais de desaceleração da economia, no fim do ano passado. “O resultado do PIB do 4º trimestre indicou perda de ritmo da atividade econômica, inclusive um pouco mais forte do que o esperado para o período. Isso coloca o empresário em

uma situação de desconfiança e de receio. Esse movimento se acentua, com a queda do consumo das famílias, do 3º para o 4º trimestre”, analisa. Um dos dois subíndices do ICEI, o Índice de Condições Atuais caiu 0,4 ponto, para 44 pontos, na passagem de feve-

reiro para março. A avaliação dos empresários é de que o momento das empresas e da economia brasileira é pior do que era há seis meses. Já o Índice de Expectativas subiu 0,3 ponto, para 51,8 pontos, o que demonstra que as perspectivas positivas dos para os próximos seis meses aumentaram. Esse resultado, no entanto, é explicado unicamente pelas boas expectativas dos industriais para as empresas, uma vez que a avaliações sobre o futuro próximo da economia continuam negativas. Claudia Perdigão acredita que o ICEI deve continuar abaixo da linha de 50 pontos nos próximos meses. “Espera-se que 2025 seja, de modo geral, um ano de atividade mais fraca em relação a 2024. Nós ainda estamos sentindo o efeito de uma política monetária restritiva e isso deve continuar nos próximos períodos”, pontua.

Em linha com NY, bolsa avança 0,79%

Em linha com a acentuação de ganhos em Nova York a partir do meio da tarde – com a decisão sobre juros do Fed, novas projeções do BC dos Estados Unidos e a entrevista coletiva de seu presidente, Jerome Powell -, o Ibovespa ganhou ímpeto e encerrou a sessão em alta de 0,79%, aos 132.508,45 pontos, tendo se aproximado dos 133 mil pontos na máxima do dia, aos 132.984,25 – o nível de 133 mil não é visto desde 3

de outubro, durante sessões. O giro financeiro foi a R\$ 25,6 bilhões nesta quarta-feira de decisão também sobre juros no Brasil, à noite. Nesta quarta-feira, o Ibovespa renovou a máxima de fechamento do ano pela quarta sessão seguida – o que o coloca, agora, no maior nível desde o encerramento de 2 de outubro. Entre as blue chips, Vale (ON -0,17%) destoou da pro-

gressão vista na sessão, em que o Ibovespa emendou o sexto ganho diário, um pouco mais perto da sequência de oito altas da primeira quinzena de agosto passado. Na semana, acumula ganho de 2,75%, elevando o do mês a 7,91% e o do ano a 10,16%. Saindo da casa dos 123 mil pontos, no primeiro fechamento do mês, para buscar os 132 mil ainda dentro de março, o Ibovespa tem contado com o

aumento do fluxo de investimento estrangeiro: no mês, o saldo de R\$ 4,5 bilhões e, no ano, supera R\$ 13 bilhões em termos líquidos, ressalta João Paulo Fonseca, head de Renda Variável da HCI Advisors. Na ponta ganhadora do Ibovespa, ações associadas ao ciclo doméstico, favorecidas pela retração da curva do DI, como Vivara (+7,57%), LWSA (+6,15%), Vamos (+5,39%) e CVC (+5,13%).